

## **Escola sem luz: Uma reflexão sobre a desigualdade no Campo Escolar**

Sofhia Raupp Jorge Pereira <sup>1</sup>  
Isadora Crema da Silva <sup>2</sup>  
Bernardo Mattes Caprara <sup>3</sup>

O presente trabalho é um dos caminhos trilhados a partir do Programa de Residência Pedagógica em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e abarca a experiência vivida pelas autoras em uma escola da rede estadual em Porto Alegre. Em maio de 2023, a escola em questão teve os fios de luz elétrica roubados e, em decorrência disso e da demora para realização de novas instalações, estudantes e professores enfrentaram cerca de um mês e meio de aulas sem energia elétrica. Para contornar a situação, foram estabelecidos períodos reduzidos no horário da tarde - já que a partir das 15 horas a luz solar não incidia mais sobre as salas de aula - e a utilização de tecnologias precisou ser suspensa.

Considerando essa situação, o objetivo do trabalho é produzir uma reflexão acerca da desigualdade social como fator que perpassa o campo escolar. Partindo de uma abordagem qualitativa, edificada a partir da observação participante e de uma revisão bibliográfica, é possível inferir que a escola é uma instituição atravessada pelas relações entre classes sociais. Para Pierre Bourdieu (1992), a escola é concebida como reprodutora e legitimadora das relações de dominação exercidas pelas classes dominantes. Não somente através da legitimação dos valores arbitrários do capital cultural das elites, mas também através do capital econômico. Nesse sentido, argumentamos que às classes populares são destinadas escolas com investimentos ínfimos quando comparados às escolas das elites, elemento que se relaciona aos mecanismos de descaso do Estado.

A escola a partir da qual se erige essa experiência possui um corpo de estudantes heterogêneo, de raça e classe variados e advindos de diferentes bairros de Porto Alegre. No entanto, em sua maioria, são estudantes de classes populares que não residem no bairro da escola e precisam se deslocar de ônibus para ir às aulas. Em maio de 2023, essa comunidade

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - RS, [sofhiarjpereira@gmail.com](mailto:sofhiarjpereira@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda pelo Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- RS, [isa.crema@hotmail.com](mailto:isa.crema@hotmail.com);

<sup>3</sup> Orientador: Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Departamento de Sociologia (DESOC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), [bernardo.caprara@ufrgs.br](mailto:bernardo.caprara@ufrgs.br)

escolar vivenciou um trágico acontecimento: durante a noite do dia 18, os fios de luz da escola foram roubados. Sem nenhuma previsão de conserto, a escola permaneceu semanas sem energia elétrica. Somente no dia 29 de junho, 41 dias depois do incidente, a luz foi restabelecida. Durante dois dias letivos e um final de semana, as aulas estiveram suspensas. No entanto, dada a permanência da falta de luz, a administração da escola se viu obrigada a estabelecer o retorno das aulas presenciais, adotando a estratégia dos períodos reduzidos - já que, a partir das 15h, a luz solar parava de incidir sobre as salas de aula e todos ficavam no escuro.

Nesse período, atravessar os corredores da escola era uma experiência demasiado chocante: mesmo durante o dia, as salas de aula eram tomadas pelas sombras. Em decorrência dessa situação, foi preciso adotar uma formato de aula em tempo reduzido: as atividades foram reelaboradas de modo que não demandassem recursos tecnológicos. Essa conjuntura não só dificultou todo o processo de ensino-aprendizagem, como também afastou inúmeros alunos de suas vivências escolares por diversos motivos - em função da falta de microondas, por exemplo, que impedia que estudantes trabalhadores aquecessem seu almoço antes da aula.

Para compreender esse acontecimento como um fenômeno que não é isolado e, na verdade, faz parte de uma estrutura da realidade, recorreremos às lentes teóricas de Bourdieu. Conforme Nogueira (2004), Bourdieu sublinha que os indivíduos são formados através das relações que estabelecem em diferentes campos do espaço social, tendo como recursos para as disputas nos campos diferentes capitais (econômico, cultural, simbólico e social). No campo escolar, o capital cultural é determinante. Há também os componentes que atravessam a subjetividade do indivíduo através do capital cultural incorporado, que inclui a cultura geral, domínio da língua culta, gosto e “bom gosto” e as informações do mundo escolar.

O elemento da herança familiar que possui o maior impacto na definição do destino escolar é o capital cultural, afinal, o mesmo favorece o desempenho através da assimilação de conteúdos e códigos veiculados pela escola. No caso de crianças culturalmente favorecidas, a escola funcionaria como uma continuidade da educação familiar, enquanto para crianças menos favorecidas estaria se tratando de uma cultura diferente e até ameaçadora. Ademais, a posse do capital cultural propiciaria o bom desempenho em processos de avaliação, já que há uma consonância entre as exigências que existiam no núcleo familiar e que se perpetuam na escola.

Para além disso, existe ainda o capital de informação acerca da estrutura do funcionamento dos sistemas de ensino, componente do capital cultural que viabiliza o direcionamento de estratégias, por parte dos pais, que conduzam a trajetória dos filhos em instituições hierarquicamente privilegiadas. Esse tipo de capital é oriundo não somente da experiência escolar prévia dos pais, mas também do contato com amigos que possuem essa vivência. Nesse sentido, percebe-se então a relevância do capital social como instrumento de acumulação do capital cultural. No caso do capital econômico, o mesmo permite acesso a estabelecimentos de ensino e bens culturais de valor elevado. Conforme a quantidade e o tipo de capital possuído, dependência do certificado para manutenção da posição social e valor estimado de retorno da obtenção desse certificado, cada grupo social adota determinadas estratégias acerca da escola e dos estudos.

Conforme Nogueira (2004), o princípio da inteligibilidade baliza as reflexões de Bourdieu em torno da escola. Trata-se da relação entre os sistemas de ensino e as relações entre classes, ou seja: a escola só pode ser compreendida através das lentes das relações entre classes. Segundo Bourdieu, a escola é concebida como reprodutora e legitimadora das relações de dominação exercidas pelas classes dominantes.

Em seus estudos, Bourdieu contribuiu para uma melhor compreensão de como se reproduz e se perpetuam as relações entre as classes sociais. Bertonecelo (2016), na tentativa de explicar algumas interpretações das desigualdades de classe na educação e questões em torno da mobilidade social, trabalha a perspectiva bourdieusiana destacando o mecanismo do capital cultural e as disposições para a agir. Segundo o autor, essa concepção entende que as desigualdades de classe na realização educacional são produtos de variações na natureza e intensidade do investimento escolar, associando as mesmas a uma discrepância na distribuição de recursos (capitais) entre os agentes e, principalmente, os padrões de comportamento (*habitus*) subjacentes às práticas de classe.

Nesse sentido, os agentes possuem recursos desiguais para absorver a comunicação pedagógica e aproveitar ao máximo seus ganhos acadêmicos, sendo eles hierarquizados e delimitados a determinado espaço de acordo com seu capital cultural, social e econômico. Trazendo a reflexão para o campo escolar, e como essas desigualdades podem inferir de forma direta no campo escolar, as abordagens de investimento escolar “variam em função do conhecimento prático possuído pelos agentes das chances objetivas de êxito escolar e do grau

em que o êxito escolar é percebido como condição para o êxito social” (Bertoncelo, 2016). Ou seja, nos ambientes escolares, os agentes com maior acúmulo do então considerado capital cultural tendem a serem beneficiados dentro do sistema educacional, à medida que os investimentos escolares são feitos em função de uma resposta de investimento com possibilidade de retorno de capital.

A linha teórica defendida por Bourdieu abarca o apontamento feito através dos relatos produzidos conforme nossas experiências em relação ao descaso com determinadas escolas, levando em consideração as chances objetivas de êxito escolar. Logo, ao falar-se de escolas da rede pública com um histórico de alunos vindo de classes populares e médias, em função do acúmulo de capital cultural e econômico referente ao seu processo de socialização, os mesmos ficam em desvantagem no que tange ao retorno e, por isso, ao desempenho escolar.

Cabe dizer que através da observação participante foi possível perceber como escolas com menos recursos estruturais podem reproduzir ainda mais as desigualdades sociais. Ou seja, foi gerada a possibilidade de uma reflexão em torno dos mecanismos de perpetuação da desigualdade social no ambiente escolar, considerando as implicações da falta de luz para os diferentes grupos de estudantes. Explorando a relação entre a desigualdade socioeconômica e a qualidade do ensino-aprendizagem, identificando possíveis ligações entre a carência de recursos e o desempenho acadêmico dos estudantes. Assim como refletir sobre as adaptações e estratégias de enfrentamento adquiridas durante o período de falta de energia elétrica na escola.

À guisa de conclusão, reiteramos que o presente trabalho é oriundo da experiência das alunas integrantes do projeto de Residência Pedagógica da UFRGS, marcado por um acontecimento que privou alunos e professores do acesso à energia elétrica por mais de um mês, em uma escola da rede pública de Porto Alegre. Tais vivências, podem se relacionar com as teorias de Pierre Bourdieu, revelando uma profunda convergência entre desigualdades sociais e o ambiente escolar. A falta de recursos básicos, como a luz, e as adaptações necessárias durante esse período desafiam e evidenciam as disparidades que perpassam a educação, refletindo em desempenhos acadêmicos divergentes. Assim, este estudo lança um olhar crítico sobre os mecanismos de reprodução das desigualdades, sublinhando a urgência de políticas educacionais mais inclusivas e equitativas para um futuro mais promissor e igualitário.

No caso da escola analisada, é possível traçar parâmetros entre as condições de infraestrutura escolar - que afetam diretamente a qualidade do ensino - e as classes a que pertencem os alunos da escola. O capital econômico, social e cultural balizam diretamente as escolhas e oportunidades dos estudantes em frequentarem instituições menos ou mais prestigiadas por recursos. Ao mesmo tempo, segundo Bourdieu, a escola é concebida como reprodutora e legitimadora das relações de dominação exercidas pelas classes dominantes e só pode ser compreendida através das lentes das relações entre classes. Logo, o caso da falta de luz representa uma perpetuação de desigualdades já existentes na sociedade, que irão incidir justamente sobre as classes menos privilegiadas que frequentam esse espaço.

Podemos, portanto, vislumbrar alguns resultados decorrentes desta análise. Em princípio, a pesquisa demonstra de forma direta como a falta de recursos básicos, como energia elétrica, afeta diretamente o processo de ensino-aprendizagem, especialmente para estudantes de classes populares. Isso pode ser evidenciado pelo impacto na frequência em sala de aula, assim como na qualidade das aulas durante o período de falta de luz - com períodos reduzidos, as aulas perdem em muito no aprofundamento de discussões - e até mesmo no que diz respeito ao tempo prático de realizar as atividades dentro da sala - uma atividade programada para ser realizada em uma aula acaba tendo que ser reformulada, acarretando em ocupar mais períodos do que os planejados previamente. Além disso, evidencia-se uma convergência significativa entre desigualdade socioeconômica e desempenho acadêmico. Uma análise dos dados coletados a partir de relatos de campo das estudantes permite demonstrar que estudantes que enfrentam maiores desafios de acesso a recursos educacionais têm um desempenho geralmente inferior em comparação com aqueles que têm maior acesso a esses recursos.

**Palavras-chave:** escola; desigualdade; Residência Pedagógica.

## REFERÊNCIAS

BERTONCELO, Edison Ricardo. **Classes sociais, cultura e educação**. Revista Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 104, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu e a educação**. São Paulo: Autentica, v.4, 2004. p. 83-102.

